O FEMINISMO NA OBRA "O MORRO DOS VENTOS UIVANTES" DE EMILY BRONTË[1]

NOGUEIRA, Michelle Braz [2]
CASTRO, Laura Miranda[3]

RESUMO

O presente artigo vem abordar o feminismo no romance "O morro dos ventos uivantes" (*Wuthering Heights*) da escritora inglesa Emily Brontë, através das ações das personagens femininas: Catherine Earnshaw, Cathy Linton e Nelly Dean. O objetivo é fazer uma exposição do conceito de feminismo e de sua inserção na literatura além de discorrer sobre mulher no século XIX para assim analisar as personagens femininas na obra. O feminismo enquadra-se em um período histórico em que movimentos de libertação denunciam a existência de formas de opressão, que não se limitam ao sistema econômico, o que proporciona o surgimento de uma nova mulher no século XIX. Da análise propriamente dita observa-se na obra de Brontë mulheres destemidas e que lutam pelo que acreditam, estando ou não de acordo com a sociedade vigente. Desta forma a teoria aplica-se no romance "O morro dos ventos uivantes" por mostrar mulheres fortes que lutam por seus ideais.

Palavras-chave: Feminismo, Emily Brontë, O morro dos ventos uivantes.

ABSTRACT

This article approaches the feminism in the work "Wuthering Heights" of the English writer Emily Brontë, through the actions of the female characters: Catherine Earnshaw, Cathy Linton and Nelly Dean. The goal is to make an exposure of the concept of feminism and its insertion into the literature as well as to present women from the nineteenth century in order to analyze the female characters in the novel. Feminism is part of a historical period in which liberation movements denounce the existence of several of oppression, which do not limit themselves to the economical system, which provides the emergence of a new woman in the nineteenth century. It is observed in the novel of Brontë, women who fight for all the things they believe, whether being or not in accordance with the current society. Thus the theory can be applied in the work "Wuthering Heights" by showing strong women who fight for their ideals.

Key-words: Feminism, Emily Brontë, Wuthering Heights

INTRODUÇÃO

Desde o início dos tempos a mulher assumiu um papel inferior ao homem. A elas eram atribuídas funções domésticas além do dever de ser mãe e esposa. Realizavam tarefas que

---

[1]Trabalho de conclusão de curso orientado pela professora Laura Miranda de Castro.

[2]Acadêmica do Curso de Letras- Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade federal do Amazonas- IEAA/UFAM.

[3] Docente do Curso de Letras- Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade federal do Amazonas- IEAA/UFAM e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

contribuíam para a subsistência do homem, sendo que para eles eram destinadas todas as outras funções como a de pensar, lutar e governar.

Durante um longo tempo as mulheres foram consideradas frágeis, sempre dependentes da força masculina para construírem suas vidas. Não tinha direito ao voto, trabalho, divórcio e tinham uma educação limitada, vivendo sempre à margem da história masculina, esta considerada universal.

Assim, com o crescente surgimento de movimentos que tinham por intuito não só minimizar os problemas entre classes sociais, mas também minimizar as diferenças entre homens e mulheres e que ficaram mais frequentes a partir do século XIX, nasce o Movimento Feminista.

O movimento feminista teve como principal meta o combate contra a inferiorização da mulher e a luta pela igualdade de direitos sociais, políticos, trabalhistas e civis, além de denunciar a opressão sofrida por elas. Com o passar dos tempos, este movimento transformou-se em corrente literária estudada por muitos críticos.

O romance de Emily de Brontë se passa nos primeiros anos do século XIX, época esta em que o movimento feminista ainda era pouco difundido, e traz personagens femininas que se destacam muito mais do que o protagonista: tudo na história acontece por causa dessas mulheres de grande personalidade. Por tal motivo torna-se relevante analisá-las através do viés feminista, verificando suas atitudes e comportamento levando em consideração este novo olhar proporcionado pelo referente período.

Com base nesses argumentos, o presente artigo tem por objetivo analisar as atitudes feministas das personagens: Catherine Earnshaw, Cathy Linton e Nelly Dean do romance “O morro dos ventos uivantes”, verificando seus avanços e retrocessos de acordo com a época em questão.

Primeiramente, traçamos a partir de pressupostos teóricos a *Trajetória das mulheres e o feminismo,* delineando a evolução do caráter feminino ao longo da história, assim como seu papel na literatura. Em seguida, passamos a discutir *O papel da mulher no século XIX*, demonstrando uma visão panorâmica da mulher neste período. Finalmente, tratamos da análise das três personagens a qual nos propomos neste artigo, cujas características e atitudes são evidenciadas como avançadas para época.

A análise da obra tem como suporte teórico reflexões e leituras de diversos autores, tais como: Beauvoir (1980), Alves e Pintaguy (1985), Zolin (2003), Bonnici (2007) Michel (1982).

1. A TRAJETÓRIA DAS MULHERES E O FEMINISMO

Durante a história da humanidade as mulheres lutaram pela conquista de seus direitos e de sua emancipação já que por muito tempo foram subjugadas e consideradas inferiores e incapazes de assumir uma posição que fosse superior a dos homens, a elas cabiam apenas o silêncio. Segundo Perrot (2005, p. 9):

> No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem. O silêncio é o comum das mulheres. Ele convém à sua posição subordinada e secundária. Ele cai bem em seus rostos, levemente sorridentes, não deformados pela impertinência do riso barulhento e viril. Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas, as mulheres só podem chorar, deixar as lágrimas correrem como a água de uma inesgotável dor. [...]O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos.

Percebe-se que a mulher era excluída das decisões da sociedade a qual pertencia, sendo-lhe atribuído um papel secundário uma vez que a maioria das sociedades era dominada pelo sistema patriarcal e opressor que não permitia seu desenvolvimento intelectual e social.

A inclusão social da mulher foi um processo que ocorreu lentamente e com o passar dos tempos renovou todos os setores sociais, já que foi grande a batalha pela igualdade e reconhecimento de seu espaço. E apesar de hoje a mulher já ter transposto algumas barreiras realizando agora uma tripla jornada: mãe e esposa do lar e ocupando lugar privilegiado no mercado de trabalho, refazendo a história das primeiras civilizações, observa-se o quão árdua foi a luta por seus direitos e para desmistificar os estereótipos criados pelos homens que designavam a mulher como um ser incapaz e frágil, além de atribuir esta característica ao fator biológico. Mas, não é o que afirma Beauvoir (1980, p.9):

> Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de femininos.

Observa-se que a mulher já nascia com o rótulo de “frágil” e isto contribuiu para a criação de estereótipos sobre o sexo feminino, pois a mulher, de certo modo, aceitava o que lhe era imposto e assumia uma posição subalterna ao homem. Assim, a mulher era impedida de ostentar um papel digno na sociedade em que vivia e não tinha a oportunidade de mostrar sua força, nem tampouco comprovar que não é o fator biológico que influencia no que é o feminino, mas sim sua cultura e seu intelecto.

Ao fazer uma breve análise da trajetória da mulher observa-se que na Antiguidade as mulheres do Oriente Médio eram submissas aos homens: pais, irmãos, maridos. Segundo Bonnici (2007, p. 185) “O termo “família” (hebr.bêtab, casa do pai) já indicava o caráter patriarcal. No casamento, a mulher era considerada propriedade do marido e só ele poderia violar seus direitos.”

Já na Grécia Antiga conforme Alves e Pitanguy (1985) as mulheres ocupavam o mesmo lugar destinado ao escravo, no sentido de que tão somente executavam trabalhos manuais que eram desvalorizados pelos homens. Designavam a função primordial de mãe, além de serem responsáveis por tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem, estando excluída do mundo do pensamento e do conhecimento.

Na Idade Média, a mulher sofreu com a perseguição que ficou conhecida como “caça às bruxas”. Neste período essencialmente teológico, “a maldição bíblica” que dividia a igreja medieval entre as figuras de Maria, exaltada, e Eva, denegrida, acompanharia mais que nunca a mulher causando um verdadeiro genocídio contra o sexo feminino (ALVES e PITANGUY, 1985). Vale ressaltar que mesmo sendo perseguidas, as mulheres já davam os primeiros passos para sua emancipação, já que tinham a possibilidade de atuar em algumas profissões mesmo com salários inferiores aos dos homens, além do direito de propriedade e sucessão.

Percebe-se que no período renascentista a posição das mulheres sofre um retrocesso, pois surgem algumas restrições a algumas regalias adquiridas como a de obter bens por herança, reger seus próprios bens e representar-se na justiça.

Assim, com a chegada da revolução industrial e a consolidação do capitalismo as mulheres, que eram consideradas inábeis para assumir outras funções, começaram a demonstrar atividades participativas na sociedade expandindo seus ideais. Então, meio a grandes reivindicações surge o Movimento Feminista. Segundo Alves e Pitanguy (1985, p.9):

> O Feminismo busca repensar e recriar a identidade sexo sob uma ótica em que os indivíduos, seja ele homem ou mulher não tem que adaptar–se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades “femininas” ou “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. [...] Que as diferenças entre sexos não se traduzam e relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na política esfera familiar, etc.

Com esses ideais o movimento feminista luta não apenas pela igualdade entre homens e mulheres em todas as áreas, mas sim busca a universalidade de direitos e oportunidades tentando abolir ou pelos menos minimizar a opressão sofrida pela mulher, procurando

promover a mudança do pensamento de uma sociedade na qual ainda prevalecia o patriarcalismo.

Dessa forma, com a ascensão do feminismo, em meados do século XIX, começaram a eclodir as grandes manifestações em busca dos direitos femininos que se caracterizam primeiramente pela luta de melhores condições de trabalho. Então, com essas perspectivas as mulheres romperam o silêncio e projetaram suas reivindicações na esfera pública.

O avanço das lutas operárias congregou homens e mulheres nas organizações sindicais. Com eles as mulheres participaram das greves e foram vítimas de repressão, sendo em que 1857 as operárias da indústria têxtil de Nova Iorque protestaram por baixos salários reivindicando uma jornada de trabalho de 12 horas. Violentamente foram reprimidas pela polícia e muitas foram presas e feridas (ALVES e PITANGUY, 1985).

A luta pela igualdade de direitos continuava e além de protestarem por melhores condições de trabalho, juntaram a esta denúncia a exclusão de sua participação como cidadãs nas decisões públicas. Dá-se início ao Movimento Sufragista Feminino. Conforme Alves e Pitanguy (1985, p. 42) o sufrágio universal foi uma das principais "conquistas dos homens da classe trabalhadora, consolidado depois de muita luta, por muitas reformas legislativas que eliminavam o voto qualificado por renda, porém esta luta pela democracia não abrangia o sufrágio feminino".

A luta feminina foi árdua e abrangeu mulheres de todas as classes sociais, necessitando de muita organização e paciência. O sufragismo como movimento foi iniciado nos Estados Unidos e só depois de intensos debatesfoi aprovada uma lei que determinava que a mulher americana pudesse lutar pelo sufrágio. Então após muito sofrimento, violência e prisões, foi concedido o voto às mulheres.

Percebe-se que a conquista ao voto pela mulher é tomada "como uma das principais bandeiras, já que consiste no mecanismo por meio do qual outras reformas poderiam vir a ser conseguidas" (ABRAMS apud ZOLIN, 2003, p.165)

Desta forma, observa-se que diversas foram as lutas travadas pelas mulheres para que conquistassem seus ideais e se desvinculassem da imagem preconcebida pelas primeiras sociedades na qual prevalecia o sistema patriarcal. Cansadas de serem consideradas inferiores, batalharam ainda pelo divórcio, educação, ao direito a licença maternidade e sua inserção no cânone literário.

1.1 FEMINISMO NA LITERATURA

Com a ascensão do movimento feminista, no final do século XIX, as mulheres passaram também a dar maior importância a sua situação na esfera literária, já que estereótipos negativos construídos através dos tempos neste campo constituíam-se mais um obstáculo na busca pelo direito da mulher, além disso, discutiram a existência de uma literatura feminina, visto que o surgimento deste movimento levou a mulher aos poucos a assumir-se como escritora.

No início as mulheres escritoras utilizavam-se de pseudônimos masculinos para evitar o preconceito, já que a sociedade era conduzida por valores patriarcais que as afastavam da participação do ambiente público e intelectual. Estes escritos foram "relegados ao esquecimento pela tradição canônica sob o pretexto de constituir numa produção de baixo valor estético em face da chamada alta literatura de autoria masculina." (ZOLIN, 2003, p.254)

A descoberta destes textos trouxe o desenvolvimento da crítica literária feminista que passou a ser praticada pelas mulheres e que se propunha a romper com preconceitos em relação à mulher escritora, leitora e como personagem tanto no texto literário de autoria masculina quanto no de autoria feminina.

Uma das pioneiras da critica literária foi a inglesa Virgínia Woolf que se destacou por defender a mulher no mundo das letras em uma época de grande discriminação ao sexo feminino. Em seu ensaio "*A room of one's own"*[4] Woolf questiona o fato de que "a mulher necessita de um teto todo seu em que possa trabalhar em paz e de uma renda anual capaz de lhe garantir independência." (ZOLIN, 2003, p.166) Só conquistando sua independência pessoal poderiam escrever sem que nada interferisse na qualidade de suas produções.

Woolf aborda as características dos primeiros escritos femininos, nos quais prevaleciam o ressentimento, o ódio e amargura em relação aos homens que não lhes permitiam atuar na sociedade e lhes privavam do direito de escrever. Assim, o ensaio *A room of one's own* vai traçando a origem da escrita feminina "confinada" mostrando que sempre teve limitações "sociais e econômicas em seus trabalhos literários," (BONNICI, 2007, p.268).

Cada vez mais a crítica literária foi ganhando destaque e com Kate Millet deu um passo a mais para sua consolidação. Com a tese de doutorado "*Sexual Politics*"[5], Millet criticou o papel que foi relegado à mulher nos romances de autoria masculina, já que esta assume papéis que eram predeterminados por uma sociedade patriarcal e que eram defendidos

---

[4] Um teto todo seu.
[5] Política Sexual.

por muitos estudiosos como próprios da natureza feminina. Além disso, dizia que as narrativas de autoria masculina eram construídas como se seus leitores fossem sempre homens para que assim a leitora, inconscientemente, lesse como um homem. (ZOLIN, 2003)

Observa-se que esta imposição de papeis colaborava para a repressão feminina e influenciava a escrita literária, visto que as mulheres eram representadas nas obras canônicas como seres dependentes sem nenhuma capacidade intelectual. Vale ressaltar que na escrita masculina "a mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; a independência feminina vislumbrada na megera e na adultera remete à rejeição e à antipatia." (ZOLIN, 2003, p.170)

E assim com a ajuda do feminismo e da crítica feminista as mulheres escritoras começaram a explorar seu mundo e assim retratá-lo como nunca havia sido antes. Escreveram sobre seu universo: vida social, seus desejos íntimos e puseram em cena mulheres sujeitos que discutiram a opressão sofrida contrariando estereótipos que lhes foram impostos, pois, até então em uma época bem recente, "mulheres na literatura eram, certamente, uma criação dos homens". (WOOLF, *online* 2011)

Na contemporaneidade, a crítica feminista, preocupada essencialmente em analisar a aversão dos autores às mulheres nas obras de autoria masculina, assume outras direções e passa a investigar a literatura feminina, uma vez que observou-se que esta obtinha uma literatura própria.

É com a ginocrítica criada por Elaine Showalter que se "investiga como a escrita de autoria feminina é diferente da escrita de autoria masculina na linguagem, no enredo (personagens ou enredo arquétipos), nos temas (as idéias e as preocupações compartilhadas por escritoras), no uso das metáforas ou imagens" (BONICCI, 2007, p. 242), além disso, Showalter denunciava a marginalização da escrita da mulher que foi excluída do cânone literário, pois este levava em consideração a classe social, a raça e principalmente o gênero.

Ao fazer análise, Showalter configurou a literatura de autoria feminina em três fases: a feminina (*feminine),* feminista (*feminist*) e fêmea *(female*). Na primeira fase, as escritoras imprimiam em suas obras a imitação dos valores e padrões vigentes que eram descritos nas obras de autoria masculina. Assim, as personagens femininas eram descritas levando em consideração o patriarcalismo e desta forma era posta em cena a mulher frágil, bondosa, pura, a rainha do lar que não tinham voz e nem vez.

Na segunda fase designada feminista, as escritoras iniciaram sua crítica contra este modelo de sociedade que oprimia a mulher e começaram a mostrar personagens que veem novos caminhos que estavam longe do cotidiano doméstico, lutam pela felicidade e seus

direitos e também abrem caminho para a “mulher realizar sua vocação de ser humano”. (ZOLIN, 2003, p.258) E, por fim, a fase fêmea veio mostrar a personagem que busca sua própria identidade, ou seja, a fase de autodescoberta em que procura a tão sonhada plenitude existencial.

Vale ressaltar que em meio a estas críticas que denunciavam a representação da mulher nas obras literárias e estudavam a literatura de autoria feminina surge uma voz isolada que tratava de questões relativas a biologia, a psicanálise, além dos mitos e história da mulher: a crítica literária francesa Simone Beauvoir.

Assim, a crítica feminista fez-se ouvir face ao grande preconceito da crítica masculina que supriam os escritos femininos e os excluíam do cânone literário e desta forma ganhou o reconhecimento institucional de existência da literatura escrita por mulheres como objeto legítimo de pesquisa. E é nesta nova perspectiva de representação da mulher nas obras de autoria feminina e que serão analisadas as personagens já citadas do romance de Emily Brontë e suas atitudes em relação a sociedade do século XIX.

2. O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XIX

Sabe-se que no século XIX e também nos séculos anteriores, a mulher era impossibilitada de dar suas opiniões principalmente sobre determinados assuntos como política. Mesmo que seu conhecimento servisse para colaborar com as discussões propostas pela sociedade, os conhecimentos possuídos eram literalmente ignorados.

Por muitas vezes, foram submissas aos pais, irmãos e maridos, dedicando-se apenas as ocupações domésticas, pois nesse tempo, uma “boa mulher”, era aquela que tudo fazia e obedecia. “Resume-o muito bem; portanto, uma dedicação constante a todos que vivem sob seu teto a destina a servir, ou seja, a cuidar: alimentar, criar, atender na doença, assistir na morte — essa é a ocupação das mulheres, que a ela se devota gratuitamente.” (CASTAN, 2009, p.407)

No contexto sobre trabalho, casamento e educação havia muitas restrições. Para as mulheres de classe superior, um bom casamento, seria a única solução para melhorar sua vida, pois se não casasse seria condenada a solteirice sendo “julgadas” por uma sociedade moralista. De acordo com Despard (*online* 2011):

> As mulheres das classes superiores tinham que entender cedo que a única porta aberta para uma vida que fosse, ao mesmo tempo, fácil e respeitável era aquela do casamento. Logo, ela dependia de sua boa aparência, nos

> conformes do gosto masculino daqueles dias, de seu charme e das artes de sua penteadeira.

Percebe-se que muitas jovens se submetiam ao enlace matrimonial preferindo viver uma vida confortável e de aparência ao travar um combate com a sociedade em defesa de sua independência. Assim, a vida de uma mulher acabava definitivamente, já que esta estava destinada a se tornar "dona de um lar, presa para sempre a um homem e com um filho nos braços". (BEAUVIOR, 1980, p. 243) Vale ressaltar que naquela época uma moça de vinte anos que não fosse casada era considerada uma despesa para sua família, ou seja, convinha que quanto mais cedo casasse, melhor seria para seus familiares.

Já para as mulheres de classe baixa o casamento não era uma opção que lhes ofereciam alguma vantagem, restando assim, apenas o trabalho doméstico e o trabalho nas fábricas, no qual era "sempre contestado e pago com mais baixo preço". (MICHEL, 1982, p. 52) Emborase submetendo aos trabalhos domésticos, transformaram-se em grandes produtoras de mão de obra não mercantil e desta forma participavam da base econômica de sua família, contribuindo para o progresso da sociedade capitalista.

Percebe-se que através dessa produção doméstica não-mercantil, as mulheres multiplicavam sua força de trabalho, no entanto, seu esforço não tinha reconhecimento financeiro, pelo qual só aumentavam as manifestações na luta por melhorias em sua vida.

No que se referia à educação da mulher do século XIX, pode-se dizer que era totalmente limitada. As moças da elite possuíam o direito de estudar noções básicas de leitura e escrita, além de lhe serem ensinadas também habilidades com a agulha como bordados e rendas, aprendiam habilidades culinárias, além de receberem instruções religiosas e de boa conduta. "Quanto às meninas de classe baixa trabalhavam na roça, casas de família ou cuidavam de seus irmãos mais novos, visto que não lhes era dado o direito a educação". (SANTOS e OLIVEIRA, *online* 2011)

Observa-se uma visão sexista do homem daquela época, na qual era permitido que somente os rapazes pudessem frequentar a escola e obter uma educação de qualidade, pois só a eles eram atribuídos os poderes políticos além de assumirem os negócios da família.

Tratadas como incapazes para outros afazeres, começaram a demonstra-se participativas nas atividades da sociedade, pois em meados do "século XIX inúmeras mulheres se tornaram conhecidas nas artes, nas literaturas, nas matemáticas, nas ciências em que mulheres chefiaram expedições perigosas para continuarem seus trabalhos, etc." (MICHEL, 1982, p. 64) expandindo-se assim seus ideais.

Obtendo êxito no direito ao trabalho nas fábricas, as mulheres tiveram que enfrentar a reprovação dos operários que não aceitavam a situação trabalhista das mesmas, e em represália fizeram greve. Conforme Michel (1982, p.52):

> A reprovação do trabalho feminista estendeu-se aos operários e aos socialistas, que no início, faziam greve cada vez que a uma mulher era contratada. Daí a declarar que o trabalho das mulheres nas fábricas era um "trabalho de resto" [...]. A exclusão do trabalho das mulheres dava segurança aos operários e, graças ao Código Napoleônico, os burgueses tinham gratuitamente uma doméstica impotente em casa.

Nota-se que a mão de obra feminina era excluída aos poucos do mercado de trabalho, já que os operários utilizaram-se de suas leis para tão somente os favorecer e assim impor-lhes restrições trabalhistas que limitavam seu trabalho e que acarretaram um grande número de mulheres desempregadas. Para Beauvoir (1980, p.483) até este momento "as possibilidades da mulher foram sufocadas e perdidas para a humanidade, e que já é tempo, em seu interesse e no de todos, de deixá-la enfim correr todos os riscos, tentar a sorte," afinal "a mulher livre está apenas nascendo".

A partir daí os ideais femininos se ampliaram e foram em busca de um espaço mais participativo na sociedade em que viviam, ganhando destaque nas manifestações femininas na qual questionaram seu papel profissional exigindo acerto de contas e aumento salarial.

Enfim, criaram associações femininas para melhor atender as reivindicações das trabalhadoras e participaram não só ativamente na luta pela de igualdade de todas as mulheres como também pela igualdade de todos os cidadãos.

3. A MULHER EM "O MORRO DOS VENTOS DOS VENTOS UIVANTES"

A escritora e poetisa inglesa Emily Jane Brontë nasceu em Thornton, uma região de Yorkshire, no dia 30 de julho de 1818. Ainda pequena mudou-se para Haworth, onde seu pai Patrick Brontë foi curador, despertando assim sua alma literária. Escreveu poemas com o pseudônimo de Ellis Bell, visto que acreditava que uma mulher não receberia a mesma atenção que um homem escritor. (WHITLEY, 1992)

A mais tímida das irmãs Brontë, que tinham ainda Charlote e Anne escritoras e que também encantaram o povo Inglês no século XIX, Emily lançou seu único romance em 1847, "O Morro dos Ventos Uivantes" (*Wuthering Heights*) , este foi considerado uma das grandes obras da literatura inglesa, porém a escritora não chegou ver seu sucesso já que morreu um

ano depois da publicação de sua obra, muito jovem, com apenas trinta anos de idade. (WHITLEY, 1992)

O romance se passa no espaço sombrio em meio a montanhas ventosas e conta a história de um amor obsessivo entre Heathcliff e Catherine, amigos de infância que são separados pelo o destino. O enredo é carregado de conflitos e maldades envolvendo suas personagens e desenvolvem ainda temas como: ódio, vingança e o sobrenatural que dá o ar de mistério à obra.

Trata-se da história de um menino cigano chamado Heathcliff que é encontrado por um pai de família chamado Earnshaw. Ele tem dois filhos, Hindley e Catherine, esta se torna uma grande amiga de Heathcliff, nascendo assim uma grande paixão. Após a morte de seu pai, Hindley rebaixa Heathcliff a empregado. Um dia Catherine diz a Nelly que apesar de amá-lo, não casaria-se com ele por ser pobre. Ele ouve e foge. Catherine casa com Edgar Linton. Heathcliff volta com o intuito de vingança e casa-se com Isabella, irmã de Linton com quem tem um filho, cujo nome é semelhante ao do tio. Catherine morre após dar a luz à Cathy.

Passam anos e Cathy cresce aos cuidados do pai e Nelly que fazem com que não tome conhecimento da existência de Heathcliff, mas um dia, por acaso, ela o conhece e ele a obriga a casar com seu filho. Seu pai e marido morrem indo sua fortuna parar nas mãos de Heathcliff. Cathy desenvolve uma relação muito amigável com o primo Hareton, filho de Hindley, tomando conta das finanças e após a morte de Heathcliff casa-se com ele traçando um destino diferente do de sua mãe.

Nesta obra, apesar de seu personagem principal ser um homem, Heathcliff, são as mulheres que se destacam por mostrarem uma personalidade forte e corajosa, indicando a nova mulher que nasce no século XIX. São elas: Catherine Earnshaw, Cathy Linton e Nelly Dean.

Catherine Earnshaw é filha do Sr. Earnshaw, família tradicional de Gimmerton, irmã de Hindley e grande amor de Heathcliff. Na sua infância era rebelde, falante, travessa e arisca, não existindo ninguém que a controlasse, nem mesmo seu pai com uma educação rígida e severa. Cada vez mais aflorava o seu gênio desafiador e autoritário, seu maior castigo era ficar sem seu fiel amigo Heathcliff e já mostrava uma força manipuladora sobre ele, já que este fazia todos os seus gostos e desejos, o que deixava seu pai furioso com sua altivez.

> Ela tinha, de fato, uma maneira de ser bastante diferente da das outras crianças e acabava com a nossa paciência durante o dia.[...] Era uma menina

> bravia e arisca.[...] Nada lhe dava mais alegria do que nos ver todos ralhando ao mesmo tempo e ela nos desafiando com seu olhar altivo e descarado e a resposta sempre na ponta da língua [...] mostrava que o rapazote fazia todas as suas vontades, enquanto os desejos do dono da casa só eram satisfeitos quando Heathcliff bem entendia. (BRONTË, 2009, p.39-40)

Percebe-se que Catherine contraria a todos os preceitos e valores de uma menina da época, pois no século XIX eram educadas desde pequenas para se comportarem como verdadeiras damas, recebendo a formação moral, de bons princípios e costumes, já que elas eram preparadas para o casamento para assim servirem a seus maridos.

Após a morte de seu pai, Catherine fica aos cuidados de seu irmão Hindley e é criada cada vez mais livre e independente juntamente com Heathcliff. Isto incomoda seu irmão que o rebaixa a um mero empregado, mesmo assim Catherine não se incomoda e continua a ensiná-lo e a conviver com ele, o que faz nascer uma grande paixão.

> [...] como o jovem patrão descuidava totalmente da sua educação, viviam livres da sua tutela. [...] Uma das brincadeiras preferidas dos garotos era escapar pela charneca, de manhãzinha, onde permaneciam durante todo o dia. E no final o castigo passou a ser encarado como mais uma brincadeira. (BRONTË, 2009, p.43)

Observa-se que os comportamentos de Catherine estão totalmente fora dos padrões de uma sociedade moralista, já que homens e mulheres eram destinados a funções diferentes, não sendo permitida uma proximidade maior entre os dois, a não ser quando uma jovem era cortejada. Nota-se também que ela ia mais à frente de sua época, visto que Heathcliff era cigano e de classe inferior à sua e ficar sozinhos o dia inteiro era inaceitável.

Até que em meio a essas aventuras, Catherine conhece a família Linton e neste momento passa a apresentar um comportamento diferente da menina rebelde e de atitude que tinha em sua infância, rendendo-se à educação e às gentilezas da família. A jovem que tinha prometido ao seu grande amor crescerem como selvagens após uma passagem pela casa desta família de casta alta, muda totalmente seu comportamento e seus costumes.

> Certo dia, em vez daquela criança selvagem e livre em constante correria pela casa, sempre pronta a nos abraçar, surgiu digníssima e elegante. [...] Apesar de seus olhos brilharem ao ver os cães correrem para ela evitou tocá-los, com medo de que sujassem a sua linda indumentária. Beijou-me com cuidado. Como eu estava toda suja, não iria certamente me dar um abraço. (BRONTË, 2009, p.49)

> [...] Se lavares a cara e penteares o cabelo, tudo mudará. Mas sempre está muito porco. (BRONTË, 2009, p.50)

A partir deste momento a Catherine começa adequar-se às jovens da classe alta e a sociedade vigente, mudando assim sua forma de vestir, pensar, agir e ainda querendo mudar os hábitos das pessoas que convivem com ela, como nota-se acima em relação a Heathcliff.

À medida que a amizade com Edgar Linton cresce, Catherine começa a perceber as diferenças sociais e, principalmente, culturais entre ele e Heathcliff, começando a aparecer a indecisão entre o amor e a ascensão social. Catherine cede a esta sociedade aceitando casar-se com Edgar Linton, mesmo não o amando, mas sentindo uma atração por aquilo que ele é, e tem a oferecê-la como *status* e fortuna. Já por Heathcliff sente vergonha do que ele se transformou, pois para ela seria humilhante casar-se com ele naquele momento, mas não nega o quanto o ama, como observar-se na conversa entre ela e Nelly:

> - Por que o ama, Srta. Cathy?
> - Por que é jovem e alegre. E por que ele me ama.
> - Isso não conta. Continue.
> - E porque ele vai ficar rico e eu vou gostar de ser a mulher mais importante das redondezas e terei muito orgulho do marido que arranjei. (BRONTË, 2009, p.71)
>
> [...] Sou tão feita para ir para o céu como para casar com Edgar Linton; e se este monstro que está lá dentro não tivesse feito de Heathcliff descer tão baixo, eu nem teria pensado nisso: seria degradante pra mim casar agora com Heathcliff; por isso ele nunca saberá que o amo. (BRONTË, 2009, p 73)

E desta forma nasce uma nova Catherine, aquela que deixa de ser guiada por seus impulsos e sentimentos, renunciando a um grande amor e aceitando as imposições de uma sociedade conservadora e preconceituosa contra os negros, ciganos e principalmente com as classes inferiores.

Catherine Earnshaw fica doente e sofre muito com a fuga de Heathcliff, mas casa-se com Edgar Linton, transformando-se em Sra. Linton. Eles tiveram uma vida feliz, visto que Catherine mudou o seu temperamento impulsivo, dedicando-se ao seu casamento:

> [...] e para minha agradável surpresa, ela se portou infinitamente melhor do que eu poderia supor. Parecia até dedicada demais ao Sr.Linton e mostrava-se extremamente afetuosa com a irmã dele. [...](BRONTË, 2009, p.83)

A esposa Catherine deixa ser levada por seus sentimentos fragilizados, cumprindo o compromisso que assumiu e respeitando aquele a quem escolheu. Observa-se que se comportou como uma esposa dedicada e que respeitava o ambiente familiar vivendo assim mais um casamento como aqueles que se submetiam as jovens do século XIX: sem amor, mas por ascensão social.

Nota-se que o sentimento que estava adormecido em Catherine e sua personalidade forte afloram com a volta de Heathcliff, que se torna um jovem rico com uma rápida ascensão social. Este retorna com o desejo de vingar-se de Edgar Linton, e vê em sua irmã Isabella uma ponte para isso. Ele revela a Catherine o seu desejo, que revoltada começa uma discussão e mostra novamente o seu temperamento audacioso. Ela desobedece e humilha o marido na frente de Heathcliff ao elevar sua voz, além de impedir, arremessando ao fogo a chave da porta para que os empregados o retirassem da propriedade:

> - Edgar, estivesse a escutar atrás da porta?- perguntou a senhora, mostrando desprezo e desinteresse pela irritação do marido com a intenção evidente de o provocar. Heathcliff deu uma gargalhada de escárnio ao ouvir as palavras de Catherine aparentemente a chamar atenção do Sr.Linton, no que foi bem sucedido. [...] Edgartentou arrancar-lhe a chave, mas Catherine arremessou-a com ímpeto para o fogo. (BRONTË, 2009, p.101-102)

Nesta passagem fica evidente a personalidade forte de Catherine que é totalmente fora dos modelos da mulher submissa e delicada que obedece ao marido em todas as suas ações. Nota-se que ela o enfrenta, além de humilhá-lo na frente da empregada e de seu grande rival, permitindo que seu grande amor, Heathcliff, volte a sua vida mesmo depois de casada. Isto era totalmente inaceitável na sociedade tradicional daquela época, na qual o homem assumia o papel de chefe de família e controlador de tudo.

Catherine Eanshaw ou Catherine Linton é uma mulher atrevida, corajosa, impulsiva que segue seus sentimentos, estando de acordo ou não com sociedade vigente, que desobedece ao marido e às tradições, até mesmo estando doente e poucas horas antes de sua morte ao permitir que Heathcliff entre em sua casa, sem que o marido saiba, para que tenham o seu momento de despedida.

Catherine morre ao dar a luz a uma menina que recebeu seu nome: Cathy Linton. Esta, após a morte da mãe, fica sobre os cuidados do pai e da governanta Nelly. Segundo Nelly, nos primeiros meses de vida da filha ele a rejeitou.

> [...] o que agravou ainda mais seu desgosto foi o fato de não ter nascido um herdeiro varão.
> [...] mas a menina foi tão mal-amada no começo da sua vida como provavelmente o será no fim de dos seus dias. (BRONTË, 2009, p.143)

Percebe-se o preconceito contra a mulher nesta época, pois as maiorias dos pais desejavam que seus filhos fossem varões, já que as mulheres eram impedidas assumirem seus negócios e tomar posse de suas terras, além disso, muitas mães sofriam humilhações quando não davam à luz a um herdeiro homem, como o marido esperava.

Porém, aos poucos, Edgard Linton foi se rendendo ao amor da criança, sendo esta criada de uma forma excessivamente protetora, pois o pai sabia que ela seria alvo da vingança de Heathcliff, temendo pela segurança da filha: “Durante uns dias pouca atenção prestou a pequenina sucessora da falecida, mas essa frieza derreteu-se como neve em abril.” (BRONTË, 2009, p.159).

Nota-se que Cathy Linton possuía uma vida privada do contato com o exterior e cheia de superproteção pela parte do pai, o que refletiria mais tarde em sua personalidade por ser mimada e teimosa, mas como filha era obediente a tudo que o pai pedia e quanto a sua educação, ele era o único encarregado e mestre.

> [...] tinha alguns defeitos a par dessas qualidades: um deles era certo atrevimento; outro era a teimosia perversa de que as crianças mimadas invariavelmente dão mostra, tendo elas bom ou mau gênio. [...] Foi ele quem tomou sozinho a seu cargo a educação da filha, fazendo disso o seu entretenimento: afortunadamente, a sua curiosidade e inteligência perspicaz faziam dela uma excelente aluna: aprendia depressa e com vontade, fazendo justiça ao mestre. (BRONTË, 2009, p.163)

Observa-se que a personagem mostra a imagem da educação da mulher desse período a qual recebia ensinamentos em casa, sendo o aprendizado um pouco mais restrito para elas, pois o medo da mulher se tornar livre e ter idéias melhores, assumindo assim funções destinadas aos homens era muito grande.

Linton recebe a notícia da morte de sua irmã e viaja em busca de seu sobrinho deixando Cathy aos cuidados de Nelly. A menina, em um de seus passeios, conhece a propriedade do “Morro dos Ventos Uivantes” e mais tarde a Heathcliff que aproveita-se da situação para enganá-la fingindo ser um homem de bem e através da amizade de seu filho,que passa a morar com ele após a morte da mãe, insiste na ideia obsessiva de casá-los.

Sr. Linton a proíbe de visitar a propriedade do Morro dos Ventos Uivantes e de conversar com seu primo e Heathcliff, porém assim mesmo Cathy continua a manter contato.

> Embora já tivesse suspeitas, fiquei surpreendida ao descobrir que se tratava da já volumosa correspondência enviada quase diariamente por Heathcliff em resposta aos bilhetes que ela lhe mandava. (BRONTË, 2009, p.192 e 194).

A partir desse acontecimento notar-se-á a evolução da personagem de Cathy no romance, pois ela vai demonstrando a imagem de uma mulher de personalidade audaciosa que se contrapõe as ordens e conselhos do pai sem pensar nas conseqüências que isto pode lhe trazer. Identifica-se em Cathy os primeiros vestígios das mulheres que estavam começando a

se destacar na sociedade, que através de atitudes corajosas e idealistas foram conquistando seu espaço, apagando aos poucos a imagem da mulher dócil e conformada construída por uma sociedade machista.

Cathy apaixona-se por seu primo e se cansa de apenas escrever cartas a ele, conseguindo convencer Nelly a ajudá-la a se encontrar às escondidas com ele.

> -Tenho que dizer ao Linton que não é por minha culpa que não escrevo e que os meus sentimentos não mudaram.
> [...]
> Mas, no dia seguinte, dei por mim a caminho do Morro dos Ventos Uivantes, ao lado da minha voluntariosa menina. (BRONTË, 2009, p. 202)

Verifica-se a característica desafiadora de Cathy, pois agora se utiliza da inteligência para convencer a empregada a ajudá-la e mais tarde ainda consegue persuadi seu pai para que lhe permita a visita do primo Linton em sua residência.

Cathy é audaz e demonstra mais uma vez isso quando Heathcliff tenta prendê-la para forçá-la a casar com seu primo sendo que para isso utiliza-se da violência. Esta, em nenhum momento, mostra-se amedrontada com atitude dele, pelo contrário o enfrenta e luta, usando da força física para tentar se salvar.

> -Nos vamos embora! – repetia, fazendo os mais denodados esforços para afrouxar aqueles músculos de ferro; mas, vendo que as unhas não surtiam grande efeito, aplicou-lhe os dentes ferozmente. (BRONTË, 2009, p. 233)

Observa-se a coragem que a menina tem pra resistir à força de Heathcliff, mais uma característica, que pode-se até comparar com a persistência das operárias americanas do século XIX, que lutaram exigindo melhores condições de trabalho e um salário digno. Deixando explícito que as mulheres tinham força suficiente pra combater as injustiças e preconceitos ao sexo feminino.

Depois da morte de Heathcliff, acontece a libertação para Cathy, pois com a ajuda de Nelly assume a administração das terras do “Morro dos Ventos Uivantes” e “Granja dos tordos”. “- É sobre o arredamento [...] – Ah então é com a Sra. Heathcliff que terá de fala [...]” (BRONTË, 2009 p. 267).

Percebe-se que Cathy se sobressai administrando, ou pelo menos aprendendo com Nelly a administrar as terras que a ela pertenciam. Provando que a mulher tem total capacidade de assumir responsabilidades, acima daquelas que lhe eram designadas como cuidar do lar, marido e filhos.

Cathy mostra ser uma mulher bastante forte, persistente, destemida e fiel as suas vontades e ideais. Casou-se forçada por Heathcliff, mas amou e ficou ao lado de seu primo Linton até sua morte e só depois disso vive uma nova paixão com Hareton não possuindo vergonha da posição inferior que ele assumia.

Quanto a Nelly Dean, é a grande mulher das propriedades "Morro dos Ventos Uivantes" e "Granja dos Tordos". Pois apesar de ser uma criada, ao longo da narrativa revela-se uma pessoa de forte personalidade e vai ganhando todos os espaços. Porém a mesma revela pouco de sua procedência, pois expõe somente que sua mãe foi ama de leite de uns dos filhos da residência vizinha.

> A minha mãe tinha sido ama de leite do Sr. Hindley Earnshaw, [...], e eu já estava habituada a brincar com as crianças. Além disso, dava recados, ajudava na lavoura e andava sempre pela propriedade, pronta para o que fosse preciso. [...] (BRONTË, 2009, p.33)

Percebe-se então que Nelly Dean é uma representante das mulheres de classes inferiores da época, pois desde pequena fora habituada ao trabalho doméstico seguindo assim, os passos de sua mãe, o que seria diferente se fosse uma menina de família tradicional rica, que nesta etapa da vida estaria sendo preparada para o casamento tendo as aulas de como se portar diante a alta sociedade além de aprender as atividades domésticas como bordar e cozinhar.

Nelly é conselheira e confidente e percebe-se isto nas inúmeras vezes que Heathcliff recorre a ela para pedir ajuda ou simplesmente falar de seus sentimentos. Quando jovem pede a ela que o torne uma pessoa melhor. Na adolescência, fala de seu desgosto em relação ao preconceito que sofre e também quando Catherine Earnshaw, diante de suas dúvidas em seguir o seu coração ou se tornar uma grande dama ao lado de Edgar Linton é Nelly quem a questiona e a aconselha.

> -Nelly faz de mim uma pessoa decente. [...] o eu queria era ter o cabelo loiro e a pele branca e ter a oportunidade de ser tão rico como ele.
> [...]
> – fica sabendo que um bom coração é capaz de fazer uma cara bonita nem que ela seja negra como um tição; e que um mau coração transforma a cara mais linda em algo mais feio que a própria fealdade. (BRONTË, 2009, p. 52-53)

Observa-se que Nelly estava sempre disposta a ouvir as amarguras e ressentimentos de todos e em consequência, tinha sempre uma boa orientação para todos que a procuravam não

importava as horas. Desta maneira, Nelly vai ganhando voz e espaço, pois sua atuação vai além do ambiente da cozinha. Assume assim o papel de mãe caso incomum para o contexto social do período, pois nesta época dificilmente uma criada teria tanto atrevimento, já que uma empregada só tinha uma função: servir aos patrões e nunca os contrariar.

No entanto, o papel de Nelly não se restringiu apenas aos afazeres domésticos em nenhuma das propriedades. No "Morro dos Ventos Uivantes" após a morte dos patrões, além das atividades de rotina passou a se preocupar com a saúde e, principalmente com o modo que o irmão Hindley cuidava da educação de Catherine Earnshaw.

> [...] quando as crianças adoeceram com sarampo foi preciso que eu tratasse deles como mulher adulta [...]. Quantas vezes chorei de desgosto ao ver como aquelas pobres almas cresciam de dia para dia cada vez mais irresponsáveis. [...] (BRONTË, 2009, p. 36 e 43)

Pode se dizer que aos poucos Nelly foi assumindo uma função de "mãe", pois todos os acontecimentos são encaminhados a ela como um ponto referencial ou de solução ou em busca de conselhos para os problemas. Percebe-se que ela também assumiu esta função na Granja dos Tordos após a morte Catherine Earnshaw, pois desde o início Cathy fica sob os cuidados da mesma, seguindo assim até o seu casamento.

A narrativa nos leva a deduzir que a criada dessas duas residências não teve herdeiros representando assim mais uma vez os padrões da época, pois as mulheres destas condições sociais dificilmente se casariam, pois as mesmas não possuíam bens para pagar o dote.

Nelly se destaca também no romance por assumir um caráter desafiador, pois permite que Heathcliff venha visitar Catherine Linton, contrariando as ordens do padrão.

> Naquele dia, porém, o tempo estava tão ameno e agradável que resolvi deixá-las abertas para cumprir a minha promessa. E, para afastar o outro serviçal, disse-lhe que a senhora desejava comer laranjas e que era necessário que ele fosse à vila para comprá-las e que era e que eu no dia seguinte iria até lá pagar. Assim que ele saiu, subiu as escadas .... [...] (BRONTË, 2009, p.233)

Assim, Nelly apresenta característica atípica para o contexto social da época, pois as mulheres desta classe social não tinham voz para agir com tal atrevimento e se o fizessem seriam repreendidas, sendo um desrespeito aos seus patrões e para a sociedade.

A empregada é uma mulher destemida e não se cala ao ver as injustiças ocorridas nas duas propriedades como no dia em que Heathcliff prende Cathy na propriedade do "Morro

dos ventos uivantes". Nelly não se abate, discute, desafia e luta com Heathcliff para defender Cathy sem medo de ser repreendida ou agredida.

> Avancei para ele, furiosa perante violência tão demoníaca. – pare! –grite-lhe. – Grande patife! Um murro no peito fez-me calar [...] (eu sou gorda e depressa perco o fôlego). Com o soco e a raiva, cambaleei entontecida. (BRONTË, 2009, p.233)

Portanto, observa-se que Nelly Dean é uma mulher de fibra e não é apenas a representante da mulher forte e corajosa que começa a surgir naquela época, mas também possui grande relevância na narrativa por ter atitudes avançadas jamais vistaem uma mulher de sua classe social principalmente ode conduzir os negócios das propriedades duas propriedades "Morro dos ventos uivantes" e "Granja dos tordos" juntamente com Cathy Linton.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta análise demonstra que a teoria feminista pode ser aplicada no romance "O Morro Ventos Uivantes", pois todas as personagens femininas possuem características e atitudes que contrastam com os padrões vigentes da época.

Observa-se que Catherine Earnshaw e Nelly Dean possuem personalidades muito inconstantes e a todo o momento seguem um ideal diferente, obedecendo ou desobedecendo às ordens impostas a elas. Observa-se que Catherine Earnshaw desafiou muitas vezes sua família e sociedade, mas mesmo sendo uma mulher de atitudes impulsivas, não teve a audácia de fazer apenas uma coisa: viver seu grande amor.

Já Nelly ao mesmo tempo em que destina- se a obedecer às ordens dos patrões, ela as infringe tentando ajudar a todos que a rodeiam e assume ainda posições jamais atribuídas a uma mulher de sua classe social, visto que estas eram designadas a serem apenas damas de companhia devendo sempre atender às vontades de seus patrões.

E por fim, Cathy Linton representa a nova mulher que surge no fim do século XIX, que estuda, ensina e assume negócios, e também enfrenta o medo e seguindo seus sentimentos, sem levar em conta o que a sociedade dita ou não. Percebe-se que todas essas atitudes, são representantes da nova mulher nascida nesse período, ou seja, mulheres que avançam, retrocedem que possuem seus medos ou alegrias, mas que no fundo lutam por um único objetivo: a sua emancipação.

Portanto, observa-se ao contextualizar a época e analisar a obra que as personagens femininas se enquadram na vertente feminista sendo assim possível conhecer um pouco mais da trajetória das mulheres, verificando por quantos preconceitos e humilhações passaram e sofreram para conquistar o seu espaço e assim adquirir seus diretos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. Cultural / Brasiliense, São Paulo: Ed.abril, 1985.

CASTAN, Nicole. O público e particular. In: *História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes* / organização Roger Chartier; tradução HildegardFeist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BEAVOUIR, Simone. História. In:*O Segundo Sexo- fatos e mitos*; Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____, Simone. A mulher casada. In: *O Segundo Sexo- experiência vivida*; Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____, Simone. A mulher independente. In: *O Segundo Sexo- experiência vivida*; Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONICCI, Tomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceito e tendência* . Maringá: Eduem, 2007.

BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes*. Emily Brontë; Tradução Ana Maria Chaves. – São Paulo: Lua de papel, 2009.

DESAPARD, Charlotte. *A situação da mulher do século XIX*. Disponível em: http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=203.Acesso 10 de Abril de 2011

MICHEL, André. *O Feminismo uma abordagem histórica***.** Editores S.A, Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982.

PERROT, Michelle. *As mulheres e os silêncios da história*. São Paulo:EDUSC, 2005.

WOOF.Virginia. *A situação da mulher do século XIX*. Disponível em: http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=203. Acesso 10 de Abril de 2011.

WHITLEY, John.S. Introducion.In:BRONTË, Emily. *Whutering Heights.*Wordsworthedition slimited, 1992.

ZOLIN, Lúcia Ozana. a Crítica feminista In: ZOLIN, Lúcia Ozana; BONICCI (orgs) *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*/organização: Thomas Bonnici, Lúcia OzanaZolin – Maringá: Eduem, 2003.

_____. b Literatura de autoria feminina. In: ZOLIN, Lúcia Ozana; BONICCI (orgs) Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas/organização: Thomas Bonnici, Lúcia OzanaZolin – Maringá: Eduem, 2003.